

Namoro na infância deve ser evitado, alertam especialistas.

Relacionamento antes dos 12 anos de idade, é pular uma etapa da vida, aponta Fábio Barbirato, chefe da Psiquiatria Infantil da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro

BEATRIZ SALOMÃO

Rio - Carrinhos e bonecas foram trocados por smartphones, e brincar na rua não faz mais parte do cotidiano. O dia a dia das crianças está diferente, mas quando se trata de namoro, a 'regra' é viver 'como nossos pais'. A recomendação não vem de nenhum responsável careta, mas de especialistas em desenvolvimento infantil. Todos são unânimes: relacionamentos assim não são recomendados para a faixa etária.

Namorar na infância, ou seja, antes dos 12 anos de idade, é pular uma etapa da vida, aponta Fábio Barbirato, chefe da Psiquiatria Infantil da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. "Não há namoro sem conotação sexual e estimular a sexualidade de modo precoce não é adequado. E isso vale para qualquer século", aponta.

O psiquiatra lembra que mudanças físicas — crescimento de pelos pubianos, menstruação e o surgimento da voz grave nos meninos — marcam o início da adolescência, época em que, geralmente, começa a atração pelo outro. "Será que não faz mal namorar antes de passar por essa questão fisiológica? Talvez só saibamos daqui a vinte anos, mas posso garantir que, fisiologicamente, a criança não está preparada".

Se namorar na infância não faz parte da natureza das crianças, por que têm sido cada vez mais comuns pequenos casais? Segundo a psicoterapeuta Andreia Calçada, uma das questões que interferem no relacionamento precoce é a exposição às 'realidades de adultos' retratadas em músicas e programas televisivos. Outro fator — que afeta mais as meninas — é se vestir e se comportar como pessoas mais velhas. "Muitas famílias não têm cuidado em controlar o que as crianças veem. Não é raro ver meninas reproduzindo o comportamento de mulheres, rebolando ao dançar, por exemplo", exemplifica. As meninas também acabam sendo mais suscetíveis porque amadurecem mais cedo. De acordo com Fernando Chacra, pediatra da Unicamp, devido à estrutura do organismo, a puberdade ocorre nas meninas entre os 8 e 13 anos e, nos meninos, entre 9 e 14 anos.



Assim como Barbirato, Andreia acredita que a infância não pode ser dispensada. Ela explica que crianças devem brincar e é por meio das atividades lúdicas que são desenvolvidos aspectos motores, criatividade e inteligência, além da capacidade de se expressar e de demonstrar sentimentos.

“A criança precisa viver esse momento lúdico para passar para a etapa posterior. Viver como um adultinho quebra esse ciclo”. E esse rompimento pode trazer consequências futuras. De acordo com a especialista, na fase adulta a pessoa pode se sentir frustrada por não ter vivido, adequadamente, a infância e a adolescência.

“É aquele caso de quem vira adolescente aos 40, porque sentiu que não viveu o que deveria”. Ainda segundo Andreia, na hora de educar os filhos, essas pessoas podem ficar confusas em relação às fases dos pequenos.

Comportamento humano não é uma ciência exata, mas a especialista acredita que por volta dos 15 anos é saudável começar a namorar. Para Barbirato, os pais devem participar desse momento e é fundamental não ter medo nem vergonha de conversar sobre sexualidades com os filhos. “

Fonte: <https://goo.gl/d3qESB>

Namoro

Da noite para o dia, seu garotinho ou garotinha cresceu, o corpo mudou e ele só pensa em namorar?

Essa fase deixa os pais de cabelo em pé, sem saber como agir. É preciso vigiar, mas respeitar a privacidade também é fundamental! Difícil, não é?

Para ajudar você a enfrentar esse momento complicado, AnaMaria selecionou as seis situações que mais angustiam os pais. E traz aqui conselhos de importantes especialistas brasileiros em sexo e adolescência. Eles ensinam você a lidar da maneira correta com essas questões que envolvem filhos adolescentes.

1. Qual a idade certa para começar a namorar? Não existe um momento ideal para isso. O que importa é a maturidade. Quer saber se seu filho está maduro? Observe se ele defende a própria opinião quando conversa com você ou um amigo, e se ele sabe dizer "não" com firmeza. Se ele fizer isso, fique tranqüila: ele está preparado! O hebiatra (médico especialista em adolescentes), Maurício de Souza Lima, recomenda que você não demonstre espanto nem aborrecimento quando descobrir que seu filho está namorando. Converse com ele sem cobranças, e mostre as vantagens e desvantagens de namorar nessa idade. Deixe que ele decida sobre a própria vida.

2. Minha filha levou um fora e está arrasada. É natural ficar mal depois de um fora do namorado. Deixe que ela curta a "fossa". Coloque-se ao lado dela para conversar sobre o que ela está sentindo. O psiquiatra Eduardo Ferreira Santos, aconselha evitar frases como "bobagem ficar triste assim...", ou "há garotos mais legais do que ele...". Em vez disso, comente com ela os "foras" que você levou na vida e conte o quanto sofreu, achando que aquilo era o fim do mundo.

3. Descobri que o namorado dela usa drogas. Nesse caso, você tem a obrigação de interferir, pois a segurança e a saúde (física e mental) da sua filha estão em jogo. Converse com ela, explique que você está preocupada, fale sobre os perigos que ela está correndo. A filósofa Tânia Zagury indica escolher um momento tranquilo para ter essa conversa, acompanhada de alguém em quem ela confie (o pai ou um tio, por exemplo). Na conversa, use frases como "eu sei que, se você quiser fazer escondido, vai conseguir...", "sabemos que a vida é sua, mas..." e "sei que se você terminar o namoro, vai sofrer, mas é melhor agora". Como o adolescente apaixonado vê os pais como repressores, apesar de todos os problemas, não proíba o namoro.

4. Como não ser a mãe chata. Ser mãe é cuidar do filho e protegê-lo. Estabeleça regras claras: marque um horário para ele voltar das baladas e deixe claro se é permitido namorar na sua casa. Para o psiquiatra Jairo Bouer, é importante que não se imponha as regras de forma autoritária para o adolescente. Os limites e regras devem ser renegociados a partir do momento em que seu filho estiver mais maduro, e as regras devem ser iguais tanto para os filhos quanto para as filhas.

5. Interfiro ou não no namoro? Namoro de adolescente muitas vezes fica naquele vaivém. Eles terminam, reatam, depois brigam de novo... O melhor é não se envolver. Apenas converse, dê sugestões. A psicóloga Olga Inês Tessari, autora do livro *Dirija sua Vida sem Medo* dá a dica: não diga ao seu filho que não gosta da ex-namorada dele, para não marcar gol contra! Na maioria das vezes, adolescentes adoram desafiar os pais. Lembre-se também que aprender a tomar decisões faz parte do amadurecimento do seu filho. À medida que for crescendo, ele precisa assumir as próprias responsabilidades.

6. A namorada pode dormir em casa? Essa decisão depende de cada família. Se você se sente constrangida com essa situação, diga que não aceita. Mas pense nesses argumentos: se permitir, você saberá com quem seu filho transa e garantirá sua segurança, tanto física quanto emocional. Avalie e decida! O psiquiatra Içami Tiba, afirma que você deve deixar claro que a casa não é um motel. Estabeleça regras: o namoro deve ter um tempo mínimo; a camisinha e outras coisas não devem ficar jogados pelo quarto; é proibido circular sem roupa pela casa etc. Outra dica é conhecer a família da namorada do seu filho, para que eles fiquem por dentro do que está acontecendo.

Fonte: Revista AnaMaria – Ed. Abril em 2008

Namorar não é coisa de criança.

Notícias - Na Mídia USP Instituto de Psicologia 6/6/17

A Professora Walkíria Helena Grant, do PSA, é entrevistada pelo Portal o Rio Branco

A sexualidade precoce e distorcida afasta a criança daquilo que é próprio da idade, como o aprendizado escolar.

Muitas pessoas acham engraçadinho quando crianças falam que têm namorados, trocam beijinhos e declarações de amor. Os casais apresentam bebês como ótimos pretendentes para os filhos dos amigos, pais festejam o menino que será pegador, mães vibram com as meninas que destruirão corações, vídeos de crianças apaixonadas circulam pela internet encantando multidões. O que fica na cabecinha de quem ouve ou protagoniza esse tipo de

coisa? Será que essa brincadeira aparentemente inocente não está jogando a infância em um terreno perigoso?

É papel dos pais separar o que é do mundo adulto e do mundo infantil e não misturar tudo como muitos vêm fazendo. Não é à toa que cada vez mais cedo, meninos e meninas com 12 anos de idade ou muito menos “ficam” com os coleguinhas da escola e vizinhos como se fossem adolescentes. E mães de crianças com cinco anos levam um susto quando pegam as filhas beijando uma amiguinha na boca durante uma brincadeira quando as bonecas Barbie namorando já não é suficiente.



A indústria de brinquedos, roupas e cosméticos investe na “adultização” da infância e o mercado publicitário cresce às custas dos anos roubados das crianças. O problema é que os adultos, principalmente os pais, não percebem a gravidade do problema e caem na armadilha, estimulando o atropelo com brincadeiras que acabam incentivando os namoricos de mentirinha e conduzem a uma verdade preocupante: a erotização precoce.

Para a professora do **Instituto de Psicologia** da Universidade de São Paulo (USP), **Walkiria Grant**, o namoro é a vivência da sexualidade, da atração pelo corpo do outro, portanto, não é assunto de criança. Apenas na adolescência, por volta dos 14 anos, o corpo sofre transformações e responde pela linguagem. Antes disso, qualquer iniciativa para erotizar as relações ou fantasias infantis deve ser evitada. O que os pais e a sociedade falam promove mudanças precoces interferindo negativamente no desenvolvimento infantil.

A psicanalista adverte que as afirmações dos pais sobre namoros entre crianças funcionam como o consumo de produtos para adultos na infância. A mãe que compra um sutiã de bojo para a filha de 8 anos pode estar buscando resolver, por intermédio do corpo da criança, as dificuldades com a própria sexualidade.

Em geral, cria-se um movimento de fusão entre as duas. “A filha funciona como um cabide da sexualidade da mãe. O que ela não está podendo viver na sua sexualidade? É um movimento inconsciente. Ela dá para a filha o que quer para ela”, explicou. Segundo a professora, a publicidade só convence quem tem o desejo em relação ao objeto. Por isso, o desejo de compra da mãe deve servir como um alerta para que ela busque lidar com uma verdade que é dela e não da filha.

Na avaliação de Walkiria Grant, pais que têm uma vida sexual reprimida vivem a sexualidade pelo prazer dos filhos. “Quanto mais comprometida estiver a vida sexual, mais escorregam. Os pais são o grande nó: ou impedem o adolescente de namorar ou empurram o filho para a sexualidade precoce”.

Não é porque está na moda e na mídia, que todos vão agir da mesma forma. Ela ressalta que a atitude dos pais deve ser de provocar as crianças para pensarem em outras coisas. Não se deve jogar luz, valorizar, dizendo coisas como: “O meu filho é macho, já está beijando”. As crianças precisam ser estimuladas a viver em sociedade sem foco na sexualidade e nas suas vontades.

A sexualidade vivenciada de maneira precoce e distorcida afasta a criança daquilo que é próprio da idade, como o aprendizado escolar. A criança precisa estar com a sexualidade adormecida, com o foco fora do seu próprio corpo, para poder enxergar o mundo. “Ou joga

a energia para a sexualidade ou joga para o aprendizado. Mais tarde, quando já teve tempo para aprender o que é das letras e dos números, tem energia para jogar com as duas coisas.

A criança focada no corpinho dela não se volta para o professor. Além de problemas de sexualidade precoce, terá mais dificuldade no aprendizado escolar.” A psicanalista adverte que a criança capta o sentimento dos pais. Mesmo sem uma palavra de aprovação, se a mãe se mostrar orgulhosa porque a filha “deu um selinho”, a prática vai se repetir.

Os pais não podem ter medo de ser careta, é necessário dizer: “Isso não é coisa de criança. Você só vai beijar e namorar quando crescer.”

Fonte: Portal O Rio Branco - www.oriobranco.net